

Cenas do sertão na cultura contemporânea: Revendo o cangaço e Lampião.

Márcia Helena de Mendonça

Historiadora, jornalista, professora. Coordena o Curso de Design de Moda do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI BH -. É mestre em Artes Visuais – concentração em Imagem e Som, pela Escola de Belas Artes da UFMG. É autora de artigos sobre moda e cinema e co-autora dos livros *Binômio*, *Edição Histórica* e *Pensar Brasil*.

Abstract

Este texto tem como tema uma abordagem sobre o cangaço e sua interface com a vestimenta, a cultura e o cinema.

Trabalhando com conceitos da História da Cultural, o texto aborda a questão do cangaço visto pelo ângulo da indumentária, da representação e do imaginário, apontando para aspectos desafiantes para a compreensão do pesquisador.

O cangaço englobou violência, mas também sutilezas. Sedas e bordados, frutos de uma mistura entre o arcaico e o moderno. Mistura que fascina e desafia autores e pesquisadores de diferentes vertentes.

"This text has as subject an approach on "cangaço" and its interface with the clothes, the culture and the cinema. Working with concepts of the History of Culture, the text approaches the matter of "cangaço"(Brazilian northeast phenomena, having its origins on social and land matters), seen by the angle of the suits, the representation and the imaginary, pointing out challenging aspects for the understanding of the researcher. "Cangaço" embodied violence, but also subtilities. Silks and embroidering, results of blending between archaic and the modern. Blend that fascinates and challenges different authors and researchers of diverse tendencies."

Para alguns ele não passou de um bandido cruel e sanguinário. Para outros, fez justiça buscando proteger os pobres e os oprimidos, vítimas das mazelas seculares do sertão nordestino. Serviu de inspiração para escritores, dramaturgos e cineastas

– no cinema nacional, mais de 50 filmes sobre o tema foram realizados -, e suas roupas coloridas e extravagantes ainda passam por leituras de diversos estilistas brasileiros.

Virgulino Ferreira da Silva, ou simplesmente Lampião, o rei do cangaço, permanece não só como figura mítica, mas como uma das mais emblemáticas e controvertidas da história brasileira do século XX.

Bandido, herói, violento, sanguinário são alguns dos adjetivos atribuídos a Lampião. Juntamente com seu grupo, o líder do cangaço espalhou o terror pelo sertão do Nordeste a partir do início da década de 1920, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de alimentos nas cidades e vilas por onde passou com o grupo.

Estigmatizado por problemas seculares como a fome, a seca, a miséria e a exploração do trabalho, o sertão nordestino foi cenário de inúmeros conflitos, que a exemplo de Canudos – movimento liderado por Antônio Conselheiro no final do século XIX e duramente reprimido pelas tropas republicanas - revelava a violência de uma sociedade arcaica.

Apesar de ter simbolizado a brutalidade por meio de suas ações cruéis, Lampião instituiu um estilo de vida no qual os valores e os rituais dos cangaceiros se diferenciavam da prática dos demais bandidos, como a introdução de mulheres no grupo, a rica e emblemática indumentária, a organização de bailes, o gosto pela fotografia e até a distribuição de autógrafos à admiradores.

Mesmo com a forte repressão policial contra os cangaceiros ao longo da década de 1930, cuja ação era vista como banditismo pelo governo e, portanto, duramente reprimida, para muitos sertanejos Lampião não passou de um homem corajoso e de um bandido “humano” e “honrado”.

Na década de 1920, no início do movimento, o cangaço tornou-se um modo de vida para esses homens, e ao liderar o grupo composto por 150 cangaceiros, Lampião desafiou o poder local nos vários estados do Nordeste. Paralelamente, soube cuidar de sua imagem com zelo e vaidade. Antes de Maria Bonita e outras mulheres ingressarem no bando, fato que ocorre somente em 1930, Lampião e seus companheiros já revelavam o gosto pela extravagância, seja por meio de roupas de cores fortes,- que eles mesmo costuravam- seja pela criação de chapéus com enfeites variados, de adornos como lenços, colares, anéis e acessórios de couro, como botas e coletes, que compunham a original vestimenta dos cangaceiros .

O gosto pelas imagens, pelo apelo visual e pela ostentação foi um dos motivos pelo qual Lampião convidou o fotógrafo libanês Benjamin Abrahão, em 1936, a registrar imagens suas e do grupo, fato que acabou por criar um vínculo com a modernidade. O advento da fotografia e do cinema se constituem, a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, em elementos integrantes da cultura urbana, em tecnologias marcadas por estímulos visuais e cognitivos, ganhando força, no Brasil, principalmente a partir do início do século XX. E é por meio de seus registros imagéticos que Benjamin Abrahão acabou por immortalizar o chefe do cangaço. Um exemplo disso é a fotografia que exhibe as cabeças cortadas de Lampião, Maria Bonita e outros nove cangaceiros mortos, em 1938, numa emboscada em Angico, pequena cidade de Sergipe, em plena vigência do Estado Novo. A imagem das cabeças cortadas dá uma mostra de como era fundamental para a ordem vigente desconstruir o imaginário que envolvia o cangaço. A representação dos cangaceiros é desmantelada por meio do uso da lei, do poder e da força das autoridades local e nacional, servindo ainda como contraponto necessário ao poder desses indivíduos, que se constituiu, principalmente, na negação do mito de Lampião.

No caso da fotografia, além de constituir-se em referência da experiência moderna, ela colocou-se na interseção de diversos aspectos da modernidade, tornando-se um meio singular de representação. Embora a reprodução e a utilização mecânicas de imagens tenham suplantado as formas e compreensões tradicionais da identidade, “a fotografia também pôde ser utilizada como garantia de identidade e como meio de determinar culpa ou inocência. Em sistemas de poder e autoridade, as possibilidades de circulação da fotografia também puderam desempenhar um papel regulador” (GUNNING, 2001,P.47). Isso nos leva a pensar no caráter “disciplinador” utilizado pelo governo Vargas ao divulgar as imagens dos cangaceiros, e, especialmente, na espetacularização que as primeiras dessas fotografias de cadáveres mutilados adquirem

Mas, como em toda a representação há uma dualidade, nesta não foi diferente. Se por um lado a exposição dos cadáveres dos cangaceiros trouxe impacto à sociedade, por outro alimentou o imaginário sobre o cangaço, presente nos dias atuais sob variadas formas de linguagem e de representação, contribuindo ainda mais para a construção e manutenção do mito que envolve a figura de Lampião e dos demais cangaceiros.

Benjamin Abraão sonhava em filmar o grupo em embates e perseguições, mas conseguiu apenas captar imagens do cotidiano dos cangaceiros, fossem eles dançando, conversando, organizando bailes, costurando suas roupas e se exibindo frontalmente para a câmera. Imagens que se tornaram preciosas por revelar um lado desconhecido do cangaço, como a vaidade e o gosto pela aparência e pela exibição. Dotadas de representações e significados diversos, tais imagens constituem-se em ferramentas importantes para se decifrar as práticas discursivas e imagéticas pelas quais estes indivíduos expressavam a si próprios e interpretavam o mundo ao redor.

As imagens capturadas por Abraão estão ainda presentes em “O Baile Perfumado”, filme realizado em 1987 pelos cineastas Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Realidade e ficção mesclam-se, estabelecendo um diálogo entre o arcaico e o moderno. A chegada do cinema no sertão, os hábitos pouco convencionais de Lampião, modernos por assim dizer, como o gosto pelo perfume francês, pela música, pelo cinema e o consumo de whisky convivem, lado a lado, com a violência e a crueldade praticadas pelo “senhor do sertão”.

Bandido Pop?

Para o pesquisador Marcelo Dídimo, autor da tese “ O Cangaço no Cinema Brasileiro”, “a maior metáfora dessa modernização é a entrada do cinema no sertão. A vaidade de Lampião permite que ele e seus cangaceiros sejam fotografados e suas imagens registradas pela câmera de Benjamin Abrahão. O cangaceiro fica fascinado com aquela máquina que pode imortalizá-lo, e certamente irá fazê-lo posteriormente. Dessa forma, a figura do mito de Lampião é trabalhada numa chave que, em primeiro lugar, é o cinema. O que importa é a imagem produzida de Lampião, a relação com esse instrumento moderno. E quando o cinema é retrabalhado no filme, Lampião é projetado numa esfera pop-star. O filme não tem nenhuma cerimônia. Ele mistura alguns procedimentos que são próprios ao Cinema Novo, mas também vai para procedimentos que são tipicamente de videoclipe”. (Dídimo, 2006, p.66)

Mais de 50 filmes sobre o cangaço foram realizados. Dentre eles destacam-se a primeira obra que dá início ao Ciclo do Recife, em 1923, “Retribuição” , que apresenta o cangaceiro Corisco como chefe de um bando de malfeitores. Em 1927,

foi realizado o curta “Lampião, o Banditismo no Nordeste” , cuja autoria é desconhecida e que registra pela primeira vez Lampião ao lado dos demais cangaceiros. O documentário “ Lampião, o Rei do Cangaço”, realizado por Benjamin Abrahão, em 1936, foi exibido para autoridades no Cinema Moderno, em Fortaleza, e proibido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP_, em 1937, ano da criação do Estado Novo, mas não chegou a ser lançado comercialmente. Somente no final da década de 1950, e numa versão de apenas 15 minutos, o filme foi exibido no Rio de Janeiro, e surpreendeu por apresentar o dia-a-dia dos cangaceiros em imagens fortes, com utilização de planos gerais, primeiros planos e planos-sequência.

Talvez de todos os filmes sobre o tema “ O Cangaceiro” seja o mais conhecido. Produzido pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, foi escrito e dirigido por Lima Barreto, em 1952, com diálogos de autoria da escritora Rachel de Queiroz. Premiado no Festival de Cannes de 1953, “O Cangaceiro” recebeu os troféus de Melhor Filme de aventura e Melhor Trilha Sonora. Com roteiro e direção de Glauber Rocha, e filmado em 1963, no sertão baiano, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” é considerado uma das obras mais importantes não só do Cinema Novo como da filmografia brasileira.

Em 1968, Glauber retorna ao sertão com o filme “ O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro” , enfocando o emblemático personagem Antônio das Mortes, o conflitado caçador de cangaceiros, e recebe o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes de 1969. Sobre o tema cangaço ainda destacam-se vários filmes, a exemplo de “ Corisco, o Diabo Loiro”, de 1969, de Carlos Coimbra, “ Meu nome é Lampião” , de 1968, de Mozael Silveira, “ Maria Bonita, a Rainha do Cangaço”, 1968, roteirizado e dirigido por Miguel Borges, entre outros. Na década de 90 foram realizados “Corisco & Dadá”, 1996, de Rosemberg Cariry, além de “ O Cangaceiro”, de 1995, refilmagem do clássico “ O Cangaceiro” , de 1952, com direção de Aníbal Massaini Neto. Os documentários “ O Último Dia de Lampião”, de Maurice Capovilla e “ A Mulher no Cangaço”, de Hermano Penna, ambos de 1976, são de importância capital para se compreender o cangaço.

A filmografia apresentada revela cenas do cotidiano do sertão nordestino e da vida dos cangaceiros, mas há que se ressaltar que dentre os vários aspectos que

revelam e forjam a identidade cultural desse grupo, a indumentária, sem dúvida, merece atenção especial.

Para a historiadora Élise Jasmin (2006, P.22), autora da obra “ Cangaceiros”, “Os homens do sertão não se restringiam à guarda e ao abate dos animais: cortavam e costuravam suas próprias vestimentas, uma prática da sociedade pecuária. Sabiam também confeccionar toda sorte de objetos e de vestimentas de couro (...) Lampião costurava suas roupas e sabia bordar à máquina com perfeição. Duas fotografias tiradas por Benjamin Abrahão em 1936, em um momento em que o grupo estava semi-sedentarizado, mostram Lampião e Luís Pedro bordando os ornamentos de suas vestimentas, com ajuda de máquina Singer”. (P.22). A rusticidade e a dureza não impediram que esses indivíduos conseguissem perceber a singeleza e a beleza de um detalhe ou um adereço

A entrada de Maria Bonita e Dadá, e posteriormente de outras mulheres no cangaço, levou a uma mudança na confecção do guarda-roupa dos cangaceiros. Os chapéus passaram a apresentar bordados em couro branco, estrelas, flores, árvores, medalhas e moedas. Todo o universo estava lá. As tradicionais algibeiras deram lugar às bolsas de couro, bordadas com motivos florais e com alças largas, sendo usadas de forma trespassada. Tecidos resistentes eram a base das calças de cintura alta, porém curtas, fazendo com que os cangaceiros usassem tornozeleiras em couro para se protegerem dos espinhos e da agressividade da vegetação do sertão. Os lenços, feitos em tecidos finos como a seda e o tafetá, eram coloridos e traziam muitas vezes monogramas, e invariavelmente eram presos por anéis em volta do pescoço.

Ao contrário do esperado, a indumentária feminina era composta por vestidos soltos ou mais justos, em tecidos rústicos e muitos bordados, onde não faltavam adornos como lenços, colares e acessórios como chapéus e sapatos baixos, e, por trás de todo um contexto que não era favorável, a feminilidade estava presente. No entanto, é possível perceber que em determinadas ocasiões apenas Maria Bonita aparece em fotografias usando vestido estampado, provavelmente de seda, ostentando jóias, numa clara distinção em relação às demais mulheres do grupo.

A partir da vestimenta criada pelos cangaceiros, percebe-se a preocupação com a busca e a elaboração da identidade visual do grupo. Presentes também, a idéia de representação, de corporalidade, da materialidade de um discurso não-verbal e diversidade de signos. No campo das representações, categoria central da História

Cultural, as mesmas são portadoras de simbolismos, carregam sentidos múltiplos, havendo, portanto, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, que por sua vez revelam coerência de sentido em sua construção e contextos históricos.

Como bem analisam as pesquisadoras Kathia Castilho e Carol Garcia, (2006, P.84)“ O corpo como ‘ primeiro suporte de estabelecimento de suas relações com o ‘Outro’ (...) esta comunicação primordial, que torna-se cada vez mais sofisticada e encontra na decoração corpórea, bem como no adorno e no vestuário, fortes aliados, capacitados a fornecerem por intermédio do sistema não-verbal um grande número de informações.”

Imagens, sons, ritos e vestimentas. Fragmentos de uma história que tem muito ainda a ser desvendada e revelada. O cangaço serve de inspiração e de releituras por diversos estilistas que tem se debruçado na pesquisa e no estudo desse grupo. A título de exemplo, na *Mostra do Redescobrimento do Brasil*, em 2000, todo um módulo foi dedicado ao assunto. Maria Bonita, companheira de Lampião, é nome de grife consagrada e das mais sofisticadas do Brasil, e o cangaço tem sido tema constantemente revisitado por várias linguagens, a exemplo do cinema, da fotografia, da música, da literatura, do teatro, do cordel, da dança, entre outros, dando mostra de que, cada vez mais, a chamada cultura contemporânea revisita a cultura popular como fonte de inspiração e referências para seus processos de criação.

REFERÊNCIAS:

CHARNEY, Leo e SCHARTZ, Vanessa R. (orgs.) *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

DÍDIMO, Marcelo. Baile Perfumado: O Cangaço Revisitado. In: CAETANO, Maria do Rosário (org.). *Cangaço – O Nordeste no Cinema Brasileiro*. Brasília: Avathar, 2005.

JASMIN, Élise. *Cangaceiros*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

VILLAÇA, Nízia & CASTILHO, Kathia. (orgs.) *Plugados na moda*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.